

Entre a arquitetura e a poesia: materialidade dos livros na obra de Luís de Montalvor e na imprensa portuguesa nos anos 1940

Between Architecture and Poetry: Materiality of Books in the Work of Luís de Montalvor and in the Portuguese Press in the 1940s

Gisella Amorim Serrano
Universidade de Lisboa (ULisboa)
Lisboa | PT
gisaamorim77@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8244-397X>

Resumo: Nosso objetivo é contextualizar e analisar dois artigos de autoria do poeta português Luís de Montalvor, os quais se referem à materialidade dos livros, assim como alguns outros trabalhos publicados na imprensa portuguesa nos anos 1940. O primeiro artigo de Montalvor foi publicado na revista *Panorama* em 1943, uma edição do Secretariado de Propaganda Nacional criado em Portugal em 1933. O segundo foi publicado na revista *Seara Nova* (1944). Publicados à mesma época, ambos receberam de seu autor o mesmo título: “A arte do livro”. Nossa proposta é avaliar como o autor entendia a materialidade dos textos, utilizando as metáforas da arquitetura e da poesia como ensejo para pensar o mercado editorial português nos anos 1940. Nossa hipótese é que Luís de Montalvor contribuiu para a compreensão do papel da materialidade dos textos por meio da defesa da tipografia como recurso fundamental para a edição naquele contexto. As reflexões de Luís de Montalvor destacam o lugar e a relevância da condição material dos impressos, considerando a arte como apanágio do livro. Para efeitos de contextualização, procuramos destacar alguns artigos e obras publicados na imprensa portuguesa sobre o mesmo tema: a materialidade dos textos e a produção editorial. Elegemos também alguns trabalhos acadêmicos que tomaram a tipografia como objeto de estudo na contemporaneidade, e que, por conseguinte, nos auxiliam a compreender o referido cenário de produção dos escritos de Montalvor.

Palavras-chave: edição; arte; livros; materialidade; tipografia.



Abstract: Our aim is to contextualize and analyse two articles by the Portuguese poet Luís de Montalvor, which refer to the materiality of books as well as some other works published in the Portuguese press in the 1940s. Montalvor's first article was published in *Panorama* magazine in 1943, an edition of the National Propaganda Secretariat created in Portugal in 1933. The second was published in the magazine *Seara Nova* (1944). Published at the same time, they were both given the same title "The art of the book" by their author. Our proposal is to assess how the author understood the materiality of texts, using the metaphors of architecture and poetry as an opportunity to think about the Portuguese publishing market in the 1940s. Our hypothesis is that Luís de Montalvor contributed to understanding the role of the material condition of texts by defending typography as a fundamental resource for publishing in that context. Luís de Montalvor's reflections highlight the place and relevance of the material condition of printed matter, considering art to be the appanage of the book. For contextualization purposes, we have tried to highlight some articles and works published in the Portuguese press on the same theme: the materiality of texts and publishing production. We have also chosen some academic works that have taken typography as an object of study in contemporary times, and which therefore help us to understand the previously mentioned production scenario of Montalvor's writings.

Keywords: edition; art; books; materiality; typography.

1 Notas biográficas e profissionais de um poeta português: Luís de Montalvor

Luís de Montalvor foi o primeiro editor da revista *Orpheu* (1915), junto com Fernando Pessoa,¹ por quem fora intitulado como um poeta sensacional (Martinho, 1991, p. 32), e Mário de Sá Carneiro. Foi também editor da revista *Centauro*. No primeiro e único exemplar dessa revista, destacava-se “sua atitude intelectual, assim como sua apresentação material” (*Centauro* [...], 1916).²

Luís Felipe da Silva Ramos adotou, em algumas ocasiões, o pseudônimo de Luís de Montalvor (Saraiva, 1998, 2013).³ Contribuiu, ainda, com várias revistas expressivas das primeiras décadas do século XX, entre elas *Contemporânea*, *Sudoeste*, *Cancioneiro* e *Presença*. Se como poeta colaborou em diversos periódicos, como autor em prosa, sua contribuição não foi proeminente, embora o professor Arnaldo Saraiva (1998) tenha alertado para o fato de que seus textos ainda precisam ser compilados e estudados. Os dois textos aqui em perspectiva, dois artigos sobre o mercado editorial português publicados na revista *Panorama* em 1943 e, no ano seguinte, na revista *Seara Nova* (1944), são exemplos disso.

São conhecidos três livros em que aparece como autor: *História do regime republicano em Portugal*; *Arte indigenista portuguesa*, com Diogo de Macedo; e *História da expansão portuguesa no mundo*, e há outros poucos artigos. Foi diretor artístico, editor e livreiro, fundando a Editora Ática⁴ em 1930, na qual compilou a obra de seu amigo mais famoso, Fernando Pessoa, com os títulos: *Obras completas de Pessoa* (1970); *Poesia* (1942); *Poemas de Alberto Caieiro* (1946). Na revista *Seara Nova*, Irene Lisboa refere-se a Montalvor como experiente diretor e conhecedor “da técnica do livro, activo propulsor da sua moderna arquitectura ou estética formal” (Montalvor, 1944, p. 99).

Falecido em 1947, parte de sua obra é póstuma, tal como os poemas reunidos por Arnaldo Saraiva em *O livro de poemas de Luís de Montalvor*; assim como *Entre Fialho e Némesio*; e *Retratos dos poetas que conheci*, escrito pelo seu também amigo João Gaspar Simões.

Essa pequena nota biográfica contextualiza o autor como sujeito histórico, delineando-o como partícipe nas dinâmicas do mundo editorial português. Naquele tempo, homens de letras eram executores e produtores no circuito editorial, alocados em redes de intercâmbio intelectual e artístico, e eram especialmente comprometidos com os impressos, tornando-os, ao mesmo tempo, produto cultural e comercial.

Por um lado, os artigos escritos por Montalvor manifestam sua percepção e revelam aspectos ainda pouco explorados acerca do universo da indústria editorial portuguesa na época contemporânea; de outro, permitem inferir sobre iniciativas prescritivas para os livros (Medeiros, 2009a, p. 131). Seu ponto de vista contextualiza a produção editorial na sua dimensão transdisciplinar, suscitando uma avaliação afinada com os resultados recentes dos estudos sobre as materialidades dos impressos.

¹ Segundo Fernando Martinho (1991, p. 30) Montalvor moldou sua poesia à autoria de Fernando Pessoa, mesmo copiando-o: “[a] Caieiro foi Montalvor buscar a ficção, o fingimento, o imaginário, a mentira no cenário e encenação pastoris”.

² A revista *Centauro* teve um único volume, cuja correspondência seria destinada à Livraria Brasileira, na rua Áurea em Lisboa. O volume está disponível em www.ric.slihi.pt.

³ Ver também: <https://modernismo.pt/index.php/l/221-luis-de-montalvor-1892-1947>.

⁴ É muito comum encontrar-se a menção Ática apenas.

Tomando-se que uma edição bibliográfica se apresenta num “espaço social complexo” (Medeiros, 2009a, p. 131), não é descabido afirmar quão frutíferas são a leitura e a problematização dos dois artigos escritos por Montalvor na década de 1940, espécie de testemunhos cujas intencionalidades cambiavam entre a promoção da arte para o livro e a denúncia das fragilidades do setor editorial naquele momento.

Em que pesem as amplas produções editoriais portuguesas no início do século XX, sobretudo nos anos 1910-1940, ainda se constata a carência de estudos que manejem os aspectos do empreendimento editorial de forma entrecruzada, incorporando elementos de toda ordem, tais como a indústria produtora, as técnicas de impressão e arte, por exemplo. As escolhas desses elementos no grande circuito editorial são significativamente mais baixas, quando contrapomos com o elevado número de trabalhos que analisaram, nessas décadas, estratégias político-editoriais dos periódicos e da propaganda política por meio dos impressos. Some-se ainda, de forma específica, um vasto rol de trabalhos que contribuíram para a compreensão da indústria e da técnica dos manuscritos e livros somente até o século XIX, coexistindo, ainda, com um tipo de hiato, com expressivas exceções, no que toca à história da materialidade na produção técnico-editorial no início do século XX em Portugal. Por tudo isso, o testemunho desse autor/produtor/editor, torna-se uma espécie de panfleto acusatório ou um esforço de meta-avaliação.⁵

2 Dois artigos de Montalvor: a arquitetura e a poesia dos livros

“A arte do livro” foi o primeiro texto de Montalvor publicado na revista *Panorama* em 1943. Na contramão de um discurso técnico, o poeta comprometeu-se a oferecer ao público leitor não especialista uma compreensão mais simplificada do universo português do livro, espargindo, num texto curto e acessível, de indiscutível importância, um conjunto de aspectos que evocavam perspectivas teóricas sobre a estética dos impressos. A produção de um livro seria, por princípio, diz ele, uma arte estabelecida sob um “acordo sutil” entre “o espírito do texto escrito e o caráter, forma ou desenho do tipo impresso”. Para o poeta, toda produção impressa convocaria uma esfera artística: a arte tipográfica (Montalvor, 1943, p. 21).

Montalvor (1943, p. 20) reconhecia a dimensão de mediação e prescrição na edição, situando o objeto impresso como um tipo de medianeiro ou “o intermediário natural entre duas espécies de atos da vida do espírito: o do pensamento e sua expressão na equivalência dos caracteres gráficos, e o do conhecimento ou revelação que a outrem ou a outros se oferece”. Uma provável contribuição conceitual esteve relacionada no grifo dessa ação de intermediação, uma vez que a historiografia da edição destaca o papel do editor como intérprete, por meio do qual a materialização do texto em letras tipográficas, cores, papéis, desenhos e ilustrações e todo o aparato crítico exemplificariam a existência de uma intervenção. Para esse editor, tal interferência seria uma necessidade capaz de fazer alguma correspondência entre o pensamento do autor e o leitor. A materialidade seria, assim, a expressão da autoria, os dispositivos de criação e a unidade de um impresso – seus caracteres tipográficos – sendo, portanto, dispositivos de representação e correspondência como manifestação de uma ideia

⁵ Meta-avaliação aqui entendida numa interpretação livre e alargada, aludindo ao esforço de compreendermos a avaliação feita por Montalvor naquele contexto.

ou sentimento. Não obstante, seriam ainda elementos de reativação, porque mobilizariam uma “zona inerte” do espírito do leitor, criando um efeito de “magia” (Montalvor, 1943, p. 20). Portanto, nos anos 1940, o poeta parece aludir às dimensões filosóficas configuradas tanto na estética dos textos quanto na sua dimensão simbólica.

O processo de edição pelo editor configura-se também numa apropriação, numa leitura (Chartier, 1996, 1999), tornando-o presente na própria obra (Medeiros, 2009a, p. 132). Com respaldo dos estudos atuais, por exemplo, é possível analisar os espaços não hermenêuticos da edição, a fim de se compreenderem as esferas de representação que orientam e manipulam, de forma sistemática, a ação leitora.⁶

Seria anacronismo ponderar que, embora consciente de que a materialização de um texto é um mecanismo de “tradução”, Montalvor não percebeu outros condicionantes nesse processo ou mesmo as interferências, como os ruídos nas junções entre a autoria e edição?

A busca do leitor seria, na sua concepção, uma busca de “repovoamento”, impulsionado pelas supostas necessidades ou desejos por sabedoria ou diversão ou “contentamento dos sentidos”, sendo que a leitura, nesse aspecto, constituiria um exercício de satisfação de uma suposta “necessidade” (Montalvor, 1943, p. 20).

Apesar de reconhecer um livro como um “objeto de ordem espiritual” (Montalvor, 1943, p. 20), esse editor reafirmava a preponderância da tipografia como “a razão de ser de um texto”:

[...] o essencial reside principalmente na plenitude da realização gráfica, isto é, na harmonia de sua composição, pela beleza e forma dos seus caracteres, pelo acerto e equilíbrio da sua aplicação, movimento, cor, legibilidade, o que numa palavra se define por um texto impresso (Montalvor, 1943, p. 20).⁷

Para a “plena” realização de um livro, seria necessário, segundo Montalvor, ter “conhecimento de estilos gráficos”, num “sentido de escolha e aproveitamento”, com vistas a orientar e a reger “em segurança” o “bom gosto” (Montalvor, 1943, p. 21). Para esse editor, a manifestação gráfica era a expressão artística, a materialização desse acordo sutil, sendo que “a largura e a altura das margens em relação à mancha de composição, [...], as proporções da superfície de composição, devem harmonizar-se [...] com o gênero literário do texto, época, etc.” (Montalvor, 1943, p. 21).

Esses aspectos confluem para o que definiu como a arquitetura do texto, um edifício que poderia expressar, sob a via tipográfica, uma identidade, uma representação, ou mesmo simbolizar uma ideia ou um estilo literário. A “boa tipografia”, advertia, deveria responder “com uma solução específica” a cada “demanda” particular (Montalvor, 1943, p. 21).

Como a planta que projeta as paredes de um edifício não o decora, faltaria a ornamentação. Nessa lógica, ficaria a cargo da ilustração a composição poética, “a parte rica” (Montalvor, 1943, p. 21).

A digressão do poeta foi ampliada em 1944, num fascículo de outro periódico que circulou nos anos 1940: a revista *Seara Nova*. Ao responder ao apelo de um “Inquérito do livro

⁶ Ver: DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Transcendência pela imanência: por que estudar a materialidade dos meios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, XII., 2007, Juiz de Fora. Anais [...]. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/ro113-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

⁷ Todas as citações, neste trabalho, serão transcritas na forma original do autor, sem atualizações.

em Portugal”,⁸ “o autor abordou outra dimensão sobre a materialidade”, uma vez que, para ele, um livro impresso é a “equivalência da vida de pensamento e da sua expressão”, sendo sua “correspondência em sinais gráficos” uma “área de fixação” (Montalvor, 1944, p. 99). A finalidade da composição gráfica seria o preenchimento do “vazio” da página, com as expressões da criação literária.

Para Montalvor (1944, p. 99) a composição material de um texto, portanto, intencionava produzir uma “preconcebida harmonia visual”, refletindo e expressando a “evolução do gosto e da arte”, assim,

[a] página do calígrafo, do iluminista, do tipógrafo sempre historiou, [...], a arte de sua época. Assim, a execução gráfica dum texto demonstra, [...] torna-se indispensável para que o objetivo do livro ganhe uma presença de beleza que a mesma sirva uma expressão plástica, denuncie uma arte (1944, p. 99).

O alinhamento entre técnica e arte expressaria, conforme sinalizou, uma representação ou a “flor gentilíssima do espírito” (Montalvor, 1944, p. 99), mas o autor também defendia que tipografia é a arte em serviço da dimensão filosófica, com vistas à expressão do pensamento, ao enaltecimento e sua monumentalização porque poderia durar “o que dura a formosura das coisas eternas” (Montalvor, 1944, p. 99).

Ele retoma e renova seu conceito de arquitetura, afirmando que

[...] um livro supõe uma síntese harmoniosa de conceitos estéticos, sugere uma arquitetura votiva. Chamemo-lhe, antes de um templo sensível, espécie de edifício espiritual, que desde os alicerces, até ao acabamento, requiere um espírito de construção, uma disciplina, uma arte de interpretações emotivas e artísticas (Montalvor, 1944, p. 100).

Nesse novo texto, definiria ainda o livro de arte, declarando as funções da tipografia, a *performance* dos pressupostos editoriais que regiam a edição, assim como prefigura algumas estratégias editoriais para o alcance de sua valorização e consumo:

Livro de arte será, pois, aquele em que a ilustração, de certo modo, valoriza o texto. A ilustração é, pois, como acessório da tipografia, a parte decorativa, por excelência [...]. Assim, temos além da sedução que nela exerce a ilustração, a perfeição da sua tipografia, a excelente categoria de papéis, a exiguidade da sua tiragem, motivo bibliográfico de raridade, etc. [...] Na autêntica edição de arte, quando ilustrada, nada deve ser mecânico, à parte a impressão do texto. A parte da ilustração, qualquer que seja a sua natureza, água forte, ponta-sêca, madeira, litografia, etc deve obedecer, como sempre obedeceu, ao método das tiragens diretas, manuais. Esse é o sabor, o particularismo, a verdadeira arte dum livro de luxo (Montalvor, 1944, p. 100).

Na terceira parte do texto, o poeta analisa o circuito editorial em Portugal. Denuncia um período de “incúria e de abaixamento de categoria de produção”, predominando o “cúmulo do

⁸ O “Inquérito do livro em Portugal” era publicado na revista *Seara Nova*, a partir do seu número 829, em 3 de janeiro de 1943. O objetivo era “tornar o leitor conhecedor dos vários problemas técnicos, sociais e estéticos do livro” (Lisboa, 1943, p. 195).

mau gosto”, um descuido com as “ilustrações, [os] arranjos gráficos”, com a adoção de papéis de baixa qualidade, constituindo um “quadro dramático”, precedido de raras exceções, tais como o catálogo dos impressos da Imprensa Nacional (indica que até o século XIX havia preservado “os créditos do bom tempo do mestre J. Carneiro da Silva”) (Montalvor, 1944, p. 99-100).

Além disso, nomeia a escassez de aparato técnico como um problema determinante na indústria portuguesa, porque “[p]ossui a indústria gráfica determinado número (e este é exíguo) de caracteres de classe”, fazendo com que, “[u]ma vez adquiridos são utilizados intensa e arbitrariamente em tôdas as espécies de obras, de categoria ou não” (Montalvor, 1944, p. 101).

Esse obstáculo resultara, para ele, numa “monotonia acentuada” com “desgaste de efeitos e aplicação”, sendo que esse “tristíssimo panorama” compelia a produção a “defeitos, insuficiência, limitação de recursos”, repercutindo no “ensino profissional, constringendo a produção e estorvando o aspecto central das artes gráficas” (Montalvor, 1944, p. 101).

A primeira indagação sobrevinda da leitura de Montalvor é de ordem epistemológica. O objeto de análise do poeta, qual seja, a expressão material dos textos, situa-se numa baliza interdisciplinar, nomeadamente da História, Sociologia, Literatura, Artes e Ciência da Conservação. Um feixe de problemas comuns que remete à abordagem da edição, ao caráter de representação dos conteúdos, à produção técnica do papel, à indústria editorial, à tipografia, a técnicas e à produção, etc.

A estética do livro, a partir da leitura de Montalvor e numa proposição filosófica, relacionaria o belo à arte tipográfica. É imperativo pensar a natureza física dos objetos, não apenas porque possuam “biografia”, como propôs Menezes (2003, p. 11), mas pelas implicações dessa natureza nos seus usos e apropriações. Numa outra perspectiva e, para melhor compreendê-los, é preciso considerar sua historicidade, nesse caso, como apontou Almada (2018), considerar a memória material dos objetos, isto é, a manipulação da matéria-prima, as relações entre as técnicas e a desenvoltura corporal, os materiais. Mais do que isso, essa autora propõe considerar a cultura material da escrita, na qual a materialidade é convocada como testemunha das suas relações culturais, a informar-nos muito além dos limites de um conteúdo emitido pelos textos que suporta.

Montalvor (1944) provoca-nos a ponderar a história das edições, não apenas porque ela é, por princípio, uma ação de atribuição de uma mais-valia, de benefício simbólico (Medeiros, 2012, p. 24), mas porque ela sinalizaria a sua correspondência com o sistema de representações do mundo social onde foi produzida. Especificamente, porque é preciso salientar a consciência de que o mundo social do livro não corresponde ao mundo do objeto, mas ao das práticas e dos agentes que o viabilizam enquanto tal (Medeiros, 2012, p. 24).⁹

Assim, a atenção a tantos aspectos culminaria num diálogo entre saberes promovido pela materialidade dos impressos.

⁹ Ver MEDEIROS, Nuno. Sistemas editoriais em mutação: alguns tópicos de introdução a uma problemática. *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, Lisboa, n. 9, II série, p. 17-37, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34624/rual.voi9.26656>.

3 Outros aspectos sobre a materialidade dos livros na imprensa portuguesa

Curiosamente, nos anos 1920, dois artigos publicados na revista *Águia*¹⁰ também evocaram a importância da materialidade dos livros impressos no Brasil. Com autoria de dois brasileiros, os textos reclamaram a tipografia como elemento crucial no processo editorial. O primeiro foi escrito por Affonso Lopes de Almeida que, em tom de denúncia, incitou a atenção aos aspectos gráficos e tipográficos como qualidade e primor. Num texto intitulado “Os nossos livros”, afirma:

Mas ainda há mais. As nossas edições são em geral feias, ou, pelo menos, pouco atraentes...Quantas vezes um bello titulo, belamente gravado, chamaria o interesse do publico para obras literárias de autores pouco famosos, obras estas que sem aquelle trabaho de typographia e gravura não alcançarão êxito algum? Às vezes um pequeno traço de desenho simples, a forma do próprio typo usado na capa, ou a cor ou a qualidade do papel empregado, grandemente concorrem para a venda maior de um livro. Porque não imitamos nós nisto o exemplo que nos dão os editores de além-mar? (Almeida, 1921, p. 86).

O segundo artigo, escrito pelo modernista Ronald de Carvalho, poeta e diplomata brasileiro, ressaltava, veementemente, a conformação material do livro no artigo “A arte do livro”:

Nada há de mais desolador para os nossos foros de cultura que o aspecto material do livro. Desde os alentados relatórios das imprensas officiaes, até os volumes de poesias, não é difícil perceber uma preocupação systematica de mau gosto, na edição das nossas obras literárias. A lei do calhamaço é um tabu inviolável que os nossos editores não têm a coragem de transgredir. O livro é considerado, aqui, um gênero de commercio que se oferece ao consumidor como um caixote de batatas, uma pipa de aguardente ou um corte de fazenda. A beleza e a utilidade do texto não entram em linha de conta, o nome e a fama do autor não merecem o mínimo respeito, os sentimentos estheticos do leitor não despertam a mais leve consideração da parte dos nossos fabricantes de papeis impressos. As tradições dos livros belos, com as suas portadas floridas, trabalhadas, as suas vinhetas graciosas e a sua composição typographica fina e cuidada, desapareceram para sempre. [...] Convençam-se os editores de que não lhes trará prejuízo o bom gosto, a graça, a elegância (Carvalho, 1921, p. 86-87).

Os dois autores brasileiros concordam e elegem a configuração material dos impressos como elemento significativo, considerando-a na sua dimensão articuladora e interlocutora com os leitores. Nesse sentido, também informam sobre suas expectativas para o leitor da época e para um mercado editorial em expansão. Embora relativamente distantes historicamente, podemos colocá-los numa espécie de diálogo com a lógica dos posteriores textos de Luís de Montalvor.

Outra obra de extrema importância para esse tema é *O inquérito do livro em Portugal*, de Irene Lisboa, em dois volumes editados em 1944 e 1946, publicação da editora Seara Nova, com diferentes temas a respeito do mundo editorial, entre eles: editores e livreiros; a arte do

¹⁰ Revista *Águia*, 2ª série, v. XIX, n. 109-111, jan.-mar. 1921.

livro; autores e críticos; leitor. Constituía a impressão de depoimentos com vistas à provocação e à colheita de critérios sobre o mundo do livro.

A obra oferece-nos um documento pouquíssimo explorado ainda hoje, apesar de conter expressivas observações sobre agentes do mundo editorial naquele contexto. Nela são apresentados os depoimentos, anteriormente publicados, nos fascículos da revista *Seara Nova*, sob a forma de entrevistas.

Na apresentação do “Inquérito do livro em Portugal”¹¹ da citada revista, Irene Lisboa afirmara que

[o] nosso livro não corre mundo como o francês ou o inglês, é o produto de uma criação e de uma indústria quase estritamente nacionais, limitadas, reduzidas mas apesar de tudo sofrendo de problemas agudos de expansão e qualidade. Quem folheia um livro acabado de publicar, numa atitude naturalmente objetiva e desprendida, longe está de saber que pedra ou que passo de marca na embrenhada maquinaria dos prelos... na sinuosa vida econômica, e até na de relação e de determinantes espirituais! De tudo isto é o livro afinal um reflexo, mas já amortecido e global. O seu leitor tem nele patente o produto de muitas lutas e esforços, passados e presentes (Lisboa, 1943, p. 195).

Respondendo ao mesmo “Inquérito do livro”, Roberto Nobre, pintor e editor português, também apontara a importância da materialidade e o papel da tipografia na produção dos impressos:

É claro que a estética do livro não depende apenas das pinturas das capas e ilustrações interiores. Ela vai desde o papel à escolha do tipo. A influência que os caracteres tipográficos têm no agrado da leitura é decisiva. Por vezes um arranjo gráfico de bom gosto na capa é preferível às lambuzadelas pretensiosas de certos desenhos idiotas. Descobriu-se que o aspecto do próprio livro corrente ajudava a formar o ambiente da leitura, que um livro de versos líricos não devia ser apresentado da mesma forma que um tratado filosófico (Nobre, 1944, p. 211).

O “Inquérito do livro em Portugal” nos anos 1944/1946, assim como os dois artigos dos autores brasileiros acima citados, pode constituir uma espécie de exemplo do lugar da tipografia num contexto específico de produção editorial. Eles ajudam a contextualizar, em parte, uma discussão sobre um elemento do circuito produtivo.

4 Alguns aspectos e estudos sobre a tipografia em Portugal

Os depoimentos sobre o mercado editorial português aqui identificados retomam o lugar da tipografia no início do século XX em Portugal¹² e, conseqüentemente, engendram questionamentos sobre as relações estabelecidas entre Estado e a indústria editorial. Assim, torna-se

¹¹ A revista *Seara Nova* começou a publicar as respostas ao inquérito a partir do volume 833.

¹² Ver a resposta de Manuel Canhão, tipógrafo português e estudioso da história da tipografia em Portugal. Sobre alguns aspectos da impressão e o artigo “A fundição de tipos” na indústria editorial portuguesa, ver o artigo no n. 912, de 3 de fevereiro de 1945 na revista *Seara Nova*. Em 1941, o entrevistado publica um estudo sobre os caracteres móveis: “Os caracteres de imprensa e sua evolução histórica, artística e econômica em Portugal”.

imperativo rever alguns trabalhos sobre o mercado editorial e a tipografia na época contemporânea em Portugal.

Conforme assinalou Medeiros (2009b), não é possível compreender o circuito editorial português tomando-lhe a partir de uma matriz única. O Estado é certamente, pela sua capacidade de ingerência, um interventor transversal que denota implicações técnicas e de modos de produção, regulamentando saberes profissionais, estimulando novas tecnologias, etc.

Ainda segundo o Medeiros, o setor da edição era marcado por uma matriz “de apostolado”, com conotações relativas à militância e às suas características éticas e estéticas... “um meio termo que hesita entre o artesanato e a indústria no atinente aos processos e formas de produção” demarcado por uma “visível resistência à industrialização e à economia de escola” e, finalmente, um “modo paroquial de produção”, salientado por “esquemas sucessórios de tipo dinástico” (2009b, p. 238-241). As décadas de 1930 a 1960, por sua vez, experimentam uma nova reconfiguração como “sistema de práticas” (Medeiros, 2009b, p. 247).

Os anos 1940 são também o momento de uma nova configuração com a instauração de nova política cultural – a Política do Espírito – implementada por Antônio Ferro,¹³ que moldou os projetos político-ideológicos do regime de Salazar. Em que pese a nova política, poucas transformações técnicas concorreram sem “emergência de uma visão de conjunto consistente” para o mundo do livro, da edição e da leitura, uma vez que o objetivo era uma política articulada mais em torno dos mecanismos de legitimação do governo e de censura, e muito menos afeita às demandas do setor editorial (Medeiros, 2020, p. 48).

A história da tipografia em Portugal, no início do século XX, como tema acadêmico, parece ainda carecer de estudos mais específicos. Dados relevantes, mas não suficientes, foram arrolados em publicações como a de Durão.¹⁴

É forçoso identificar, por exemplo, as correlações nessa fina teia, ainda a explorar, entre a indústria gráfica no Estado Novo e a história da edição. É necessário precisar com agudeza dados mais concretos, sistematizar essa ampla rede, contextualizar a ação do Estado por meio de suas políticas para o livro e a edição no que toca às dimensões de materialização, tal como a importação de papel. É igualmente importante que novos trabalhos indiquem, analisem, problematizem a zona de referência entre a expressão material dos impressos e a organização de periódicos, de redes de sociabilidades.¹⁵

Alguns trabalhos sobre a tipografia portuguesa são bons exemplos das possibilidades de pesquisa neste campo. Grande destaque, por exemplo à tese de Serejo (2016): *A materialidade gráfica da revista Presença: o grafismo e a tipografia no contexto do modernismo português: (1927 a 1940)*, desenvolvida em torno de quatro eixos: (1) materialidade numa perspectiva filosófica, estética e psicológica; (2) relação entre a materialidade, modernismo e texto impresso; (3) relação entre a materialidade e poesia; e, ainda, (4) análise da materialidade gráfica modernista.

Outros estudos tomaram a tipografia, contextualizando seu uso, identificando a historicidade de técnicas e expressões artísticas a partir dos periódicos portugueses, tal como o traba-

CANHÃO, Manuel. A arte do livro. *Seara Nova*, Lisboa, n. 912, p. 75-77, 3 fev. 1945. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001929/7. Acesso em: 24 fev. 2024.

¹³ Antônio Ferro foi jornalista e foi o diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) e, posteriormente, do Secretariado Nacional de Informação e propaganda (SNI) entre 1933 e 1950.

¹⁴ Ver: DURÃO, Susana. *Oficinas e tipógrafos: cultura e quotidianos de trabalho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

¹⁵ Ver Deolindo, 2007.

lho de Esteves (2020): *Tipografia, lettering e imagem nas capas da segunda série da revista Ilustração Portuguesa (1906-1924)*, no qual notou influências tipográficas, do movimento artístico Arte Nova, e da Art déco nos 947 números do periódico. Outro destaque é a dissertação sobre *design gráfico em revistas portuguesas*, incluindo a *Orpheu* e a *Presença*, de Rocha (2013), que afirma:

A tipografia é parte obrigatória do design editorial. Esta consegue exprimir diferentes ideias através do seu desenho. A escolha da tipografia em qualquer publicação não deve ser ao acaso. Cada fonte transmite diferentes ideias e reflete diferentes épocas. O uso inapropriado da tipografia pode facilmente prejudicar a leitura, influenciando diretamente o sucesso da própria publicação (Rocha, 2013, p. 19).

Estes trabalhos sinalizam o lugar e o papel da materialidade dentro do circuito editorial sob diferentes prismas. São exemplos de possibilidades a partir do tema da composição material dos textos e impressos.

4 Outras considerações

Os dois artigos de Montalvor, assim como outros depoimentos publicados na imprensa portuguesa, indicam um especial destaque para a tipografia, conferindo-lhe uma dimensão potencial e essencial na construção material de uma obra. Outros agentes editoriais, imersos no mundo do livro, demonstraram a mesma preocupação com a expressão gráfica naquele contexto, sobretudo destacando a importância de uma espécie de diálogo entre os autores e os materializadores. Pensar a materialidade não é apenas pensar sobre os critérios que consolidam uma edição, conforme nos informa Chartier (2022, p. 612),

[m]aterialidade do texto significa os formatos diferentes das obras publicadas. Significa também a inscrição e a disposição do texto sobre as páginas do livro. Significa igualmente as escolhas do autor, do corretor, do operário tipográfico ou do tipógrafo, na Primeira Modernidade, no que se refere às grafias ou às pontuações. Então, isso é um conjunto de elementos que define a materialidade do livro, que produz uma possibilidade de recepção da obra para os leitores que pensam sua apropriação isoladamente em relação ao texto lido, mas que é, ao mesmo tempo, uma apropriação guiada, constrangida, organizada pela materialidade do livro, que o leitor não necessariamente tem presente na sua consciência.

Assim, a materialidade dos impressos não expressa apenas uma informação visual porque conforma uma complexa rede de significados que dialoga com a autoria, a produção e a leitura. Pensar a materialidade é compreender, identificar, analisar e interpretar condicionantes impostos, inconscientes ou não, mas, sobretudo, considerar elementos que pactuam com a ideia de construção. Uma impressão pode ser compreendida, ao mesmo tempo, como materialização, edificação, mas ainda e também como potencialização tanto do que concerne às expectativas de autores e produtores quanto das formas como pode vir a ser apreendida, apropriada e lida pelo seu consumidor.

Os artigos de Montalvor, assim como as respostas do “Inquérito do livro em Portugal”, enquanto fontes históricas, são provocativos, testemunhos propedêuticos e podem ser toma-

dos para os estudos sobre o universo editorial português naquele período. Os estudos acadêmicos sobre a tipografia em Portugal não somente contextualizam essas fontes indicando novas referências como também indicam possibilidade de trabalho e pesquisa sobre o tema.

Referências

- ALMADA, Márcia. Cultura material da escrita ou o texto como artefato. In: CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da; MEIRELLES, Juliana Gesuelli (org.). *Cultura escrita em debate: reflexões sobre o império português na América – séculos XVI a XIX*. Jundiaí: Paco, 2018. p. 17-40.
- ALMEIDA, Afonso Lopes de. Os nossos livros. *A Águia*, Porto, 2ª série, v. XIX, n. 109-111, p. 86, jan.-mar. 1921. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/a-aguia/in-issue/iss_0000000086/96. Acesso em: 12 jun. 2024.
- CANHÃO, Manuel. A arte do livro. *Seara Nova*, Lisboa, n. 912, p. 75-77, 3 fev. 1945. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001929/7. Acesso em: 24 fev. 2024.
- CARVALHO, Ronald de. A arte do livro. *A Águia*, Porto, 2ª série, v. XIX, n. 109-111, p. 86-88, jan.-mar. 1921. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/a-aguia/in-issue/iss_0000000086/96. Acesso em: 14 abr. 2023.
- CENTAURO só procurará [...]. *Centaurus*, Lisboa, ano 1, n. 1, out./dez. 1916.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: UnB, 1999.
- CHARTIER, Roger. Materialidade dos escritos, constituição de acervos e a função-autor: Entrevista com Roger Chartier – Parte II. [Entrevista cedida a] André Furtado e Anna Coelho. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 38, n. 77, p. 611-628, maio-ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752022000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/jnX8TytLC8Vnd-DxKSWxfqS/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- ESTEVES, Jessica Pereira. *Tipografia, lettering e imagem nas capas da segunda série da revista Ilustração portuguesa (1906-1924)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, 2020. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/22394>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- LISBOA, Irene. Inquérito ao livro em Portugal. *Seara Nova*, n. 879, p. 99-101, 17 jun. 1944. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001827/3. Acesso em: 13 mar. 2023.
- LISBOA, Irene. Inquérito do livro em Portugal. *Seara Nova*, Lisboa, n. 829, p. 195-196, 1943.
- MARTINHO, Fernando J. B. *Pessoa e a moderna poesia portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, 1991.
- MEDEIROS, Nuno. Acções prescritivas e estratégias: a edição como espaço social. *Revista Crítica de Ciências sociais*, n. 85, p. 131-146, jun. 2009a. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.363>.
- MEDEIROS, Nuno. Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 9, p. 33-48, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.412>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/412>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MEDEIROS, Nuno. O SPN e SNI na encruzilhada do livro: António Ferro e o campo oficial da edição. In: SERRA, Filomena; RODRIGUES, Sofia Leal; ANDRÉ, Paula (ed.). Projectos editoriais e propaganda: fotografia e contra-imagens no Estado Novo. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais; 2020. p. 41-51.

MEDEIROS, Nuno. Os mundos da edição em Portugal durante o Estado Novo. *Revista Estudos do Século XX*, n. 9, p. 231-249, 2009b. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_9_13.

MEDEIROS, Nuno. Sistemas editoriais em mutação: alguns tópicos de introdução a uma problemática. *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, Lisboa, n. 9, II série, p. 17-37, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34624/rual.voi9.26656>.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-01882003000100002>.

MONTALVOR, Luís de. A arte do livro. *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, Lisboa, ano 3, n. 15-16, p. 20-21, jul. 1943. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N15-16/N15-16_item1/P42.html. Acesso em: 11 mar. 2023.

MONTALVOR, Luís de. Inquérito ao livro em Portugal. *Seara Nova*, n. 879, p. 99-101, 17 jun. 1944. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001827/3. Acesso em: 23 set. 2023.

NOBRE, Roberto. Inquérito ao livro em Portugal. *Seara Nova*, Lisboa, n. 902, p. 211-212, 25 nov. 1944. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001919/3. Acesso em: 14 abr. 2023.

ROCHA, João Ricardo. *Revista de Cultura Imaterial Portuguesa*. 2013. Dissertação (Mestrado em Design de Comunicação) – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

SARAIVA, Arnaldo (ed.). *O livro de poemas de Luís de Montalvor*. Lisboa: Campo das Letras, 1998.

SARAIVA, Arnaldo. As Prosas de Montalvor. *Cadernos de Literatura comparada*, n. 28, p. 103-115, 2013.

SEREJO, Cristiana. *A materialidade gráfica da revista Presença: o grafismo e a tipografia no contexto do modernismo português: (1927 a 1940)*. 2016. Tese (Doutorado em Design de Comunicação) – Faculdade de Belas-Artes (Design de Comunicação), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.